

Mandala para o Recordar, um projeto de escultura upcycling para recuperar a memória de um objeto através das suas relações.

Mandala for Remembering: An Upcycling Sculpture Project to Recover the Memory of an Object Through Its Relationships.

Diogo M.M. Nunes¹, Helena Elias²

¹ Sculpture, CIEBA, Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon, Portugal; diogo.mm.nunes.studio@gmail.com

² VICARTE, Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon, 1249-058, Lisbon, Portugal; hc.elias@gmail.com

Resumo

Mandala Para o Recordar é um projeto artístico que resultou numa obra de arte instalada em permanência na Assembleia da República Portuguesa. Procurando uma abordagem consciente em relação ao seu lugar de implementação conforme a arte *site-specific*, este considera de forma crítica, num contexto do Pós-Colonialismo Português, as obras artísticas presentes no edifício, especialmente o mural do pintor Domingos Rebelo, que mostra o ‘descobridor’ Vasco da Gama a ser recebido pelos emissários de Samorim. Mandala Para o Recordar faz o *upcycling* através da arte de sete modelos de cinzeiros cerâmicos cedidos pelo Parlamento português após deixarem de servir a sua função de ofertas institucionais. Para isto, desenhando um paralelismo com *site-specific*, definimos o conceito de *object-specific* como ideia orientadora para reequacionar a utilidade dos cinzeiros e perspetivar o seu papel anterior como lugares do apagar, do descartar e do esquecer de histórias normalmente ignoradas sob a sedução da comodidade capitalista. A fim de contrariar narrativas dominantes do *capitaloceno*, a fim de desvendar um vislumbre do seu lugar no *Rizhoma*, representámos na obra momentos históricos da relação da sociedade ocidental com o tabaco. Estes materializam-se na obra através da estampagem e pintura de diversos elementos e composições. Entre eles, a primeira pintura cerâmica indígena que representa uma folha de tabaco, momentos cruciais da disseminação do tabaco na cultura e mercados ocidentais assim como os seus impactos sociais e ambientais.

Palavras Chave

upcycling; escultura; tabaco; memória; capitaloceno; escultura pública.

Abstract

Mandala Para o Recordar is an artistic project that has resulted in a work of art permanently installed in the Portuguese Parliament. Seeking a conscious approach to its place of implementation according to site-specific art, it critically considers, in the context of Portuguese Post-Colonialism, the artistic works present in the building, especially the mural by the painter Domingos Rebelo, which shows the ‘discoverer’ Vasco da Gama being received by Samorim’s emissaries. Mandala Para o Recordar upcycles seven models of ceramic ashtrays after they no longer serve their purpose as institutional gifts. To do this, drawing a parallel with site-specific, we defined the concept of object-specific as a guiding idea for rethinking the usefulness of ashtrays and looking at their former role as places for erasing, discarding and forgetting stories usually ignored under the seduction of capitalist commodity. In order to counter the dominant narratives of the capitalocene, we sought to uncover a glimpse of their place in the Rizhoma by representing historical moments in Western society’s relationship with tobacco. These are portrayed in this art work through the stamping and painting of the first indigenous ceramic painting depicting a tobacco leaf, crucial moments in the dissemination of tobacco in Western culture and markets, as well as its social and environmental impacts.

Keywords:

upcycling; sculpture; tobacco; history; capitalocene; public sculpture.



Figura 1. Exemplos dos modelos de cinzeiros cedidos. Foto de autoria própria.

1. Introdução

Neste artigo descreveram-se as relações teórico-práticas estabelecidas para a elaboração de um projeto de escultura upcycling com recurso a cinzeiros cerâmicos cedidos pelo Parlamento português.

Aqui é descrita a forma relacional que guiou uma primeira abordagem ao objeto, procurando introduzir o conceito *object-specific* e a sua relação com outros conceitos como *Rhizoma*, *kainos* e *capitaloceno*. Seguidamente foi considerada a serialização da qual estes pertencem, articulando-a com a figura da *mandala* e explicitando deste modo, como esta contribuiu para a disposição dos cinzeiros.

Apresentadas como ramificações do *Rhizoma*, foram expostas imagens que contribuíram para as composições pintadas posteriormente sobre os cinzeiros. A primeira imagem representada foi descrita como uma reação aos mitos e à apropriação seletiva da história do colonialismo português que ainda está presente no imaginário popular, sublinhado o papel de Portugal na exploração e comercialização de pessoas escravizadas e o tabaco. Seguidamente, descreveu-se um cinzeiro central onde terá sido pintado um desenho da primeira representação do tabaco conhecida, enfatizando as diferentes relações estabelecidas por parte dos colonizadores e dos povos indígenas. Na segunda composição, os desenhos utilizados estabelecem relações do impacto do tabaco na saúde ao longo da história. Nas seguintes, explicitou-se nas composições as relações tecidas entre a indústria do tabaco e os seus impactos ambientais, relações laborais, disseminação nos mercados ocidentais, com o dinheiro e a economia.

2. Materialidades que nos encontramos

Num primeiro encontro com os cinzeiros, surgiu de imediato a memória de um projeto de investigação teórico-prático de escultura participativa anterior. Confrontado com uma árvore caída no chão no largo da Academia Nacional de Belas Artes em Lisboa, surgiu o interesse por aprofundar a história das relações transatlânticas de comércio, indústria e ciência que abriram um espaço de compreensão da importância do tabaco para a expansão colonial inglesa na América do Norte, mais concretamente em Tsenacomoco, atual Virgínia (Wolfe, 2020). Como questionar a existência do cinzeiro nesta teia de relações, nesta geografia do *Rhizoma* (Guattari e Deleuze, 1987)? Na apropriação estética do objeto percebemos as materialidades que o compõem e que foram abstratizadas para facilitar a sua instrumentalização. O esquecimento das suas histórias para dar corpo a uma nova entidade que serve uma função estética e utilitária ao serviço do desejo. As redes de relações e histórias pós-produtivas desta nova entidade tornou-se então precisamente o objeto de compreensão (\neq objeto de estudo, mais impessoal, menos relacional). Procurando pensar como o cinzeiro se poderia transformar num 'lugar' com memória (\neq não-lugar (Augé, 1996) e \neq do espaço abstrato modernista) através das relações que estabelece com outras entidades como o tabaco. Abordamos este projeto como um *object-specific* recuperando o interesse da arte *site-specific* pelo contexto social económico e ecológico do lugar, neste caso do objeto que está, esteve e estará inserido num lugar. Pensando nestas operações de reescrita das entidades, consideramos esta abordagem especialmente pertinente sob o *capitaloceno*

uma vez que as formas de ver as materialidades sob este prisma, permitem constantemente o sacrifício de lugares, tempos e das relações existentes na pré e pós-produção e que encontram no descarte dos objetos o seu momento último de destruição de significado e relações.

O cinzeiro apareceu-nos então neste projeto como um lugar do apagar, do descartar e do esquecer. Face a esta realidade, surgiu a vontade de contrariá-la perspetivando o cinzeiro como um lugar de memória cujo tempo em que se insere não é também um tempo abstrato com ânsia apenas pelo futuro, mas um *Kainos*, um tempo de continuidade cheio de heranças, de recordações, e cheio do que está sendo, de nutrir o que ainda pode ser, assim como de reparar no que ainda é (Braidotti e Hlavajova, 2018).

3. Um cinzeiro não são muitos cinzeiros.

A serialização e a produção em grandes quantidades desta entidade também contribuíram para a aproximação aos objetos cedidos como lugares relacionais. Enquanto um cinzeiro apenas teria, em retrospectiva, focado a nossa atenção para si mesmo, para as materialidades que o compõem, o facto de terem sido cedidos vários cinzeiros enfatiza a produção em grande escala, algo que traz consigo uma nova teia de relações e histórias. Na sua relação direta com o tabaco, este aspeto torna-se ainda mais evidente, pois, este já não faz só parte dessa realidade de forma isolada como também a produz em conjunto com outras entidades. No lugar onde se tecem estas relações, na superfície superior e interior do cinzeiro serão onde estas serão recuperadas.

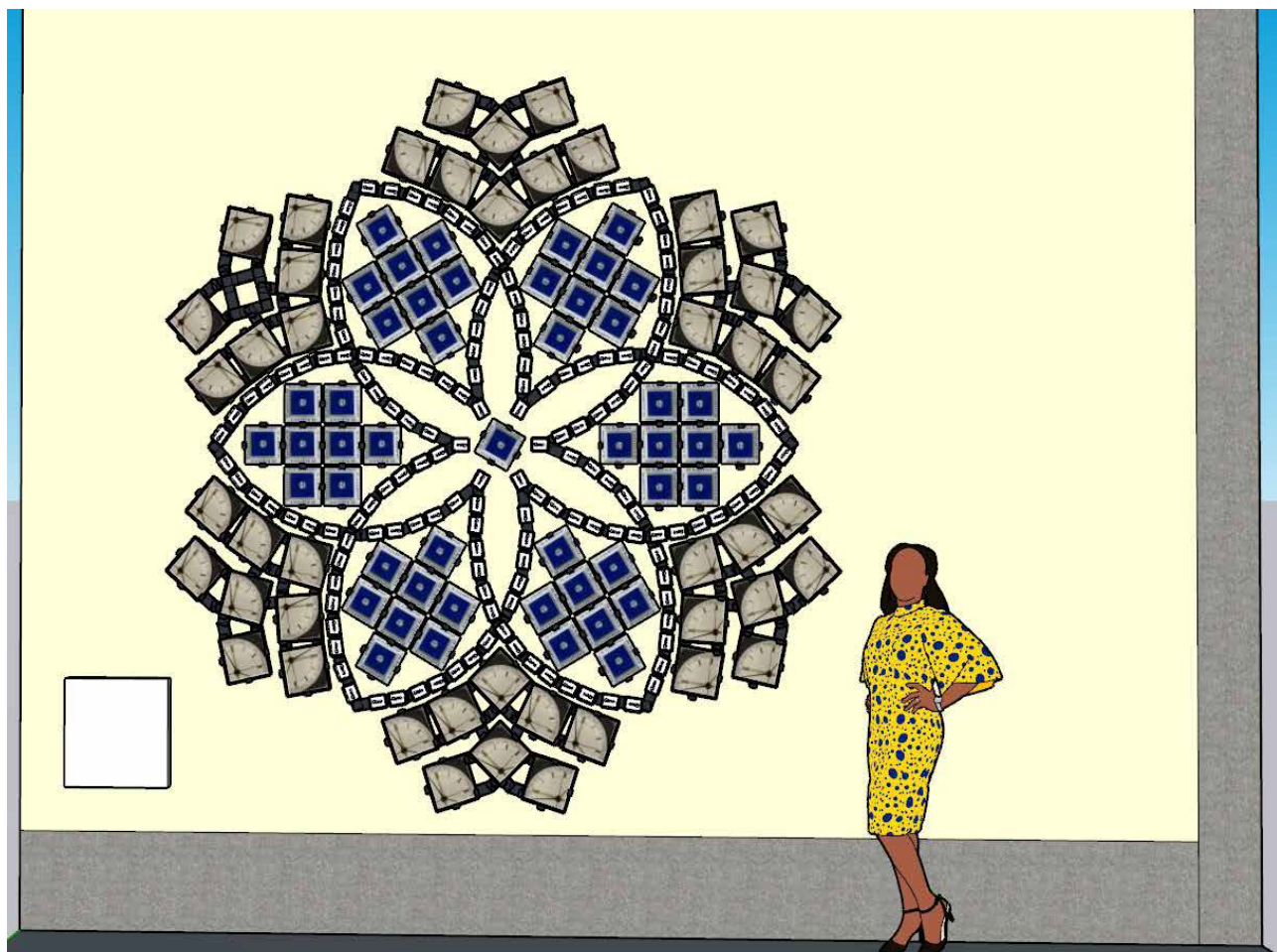


Figura 2. Scketchup da disposição final dos cinzeiros já com a estrutura que os suportariam a parede. Foto de autoria própria.

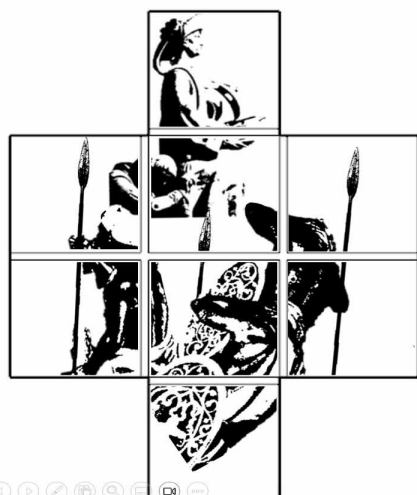


Figura 3. Composição Recuperação das histórias do colonialismo português esquecidas.

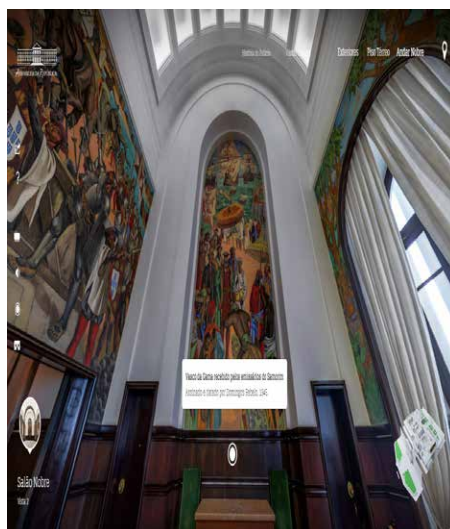


Figura 4. Mural "Descobridor Vasco da Gama a ser recebido pelos emissários de Samorim", Domingos Rebelo, 1945, Salão Nobre da Assembleia da República. Fonte: <https://app.parlamento.pt/visita360/pt/> <https://app.parlamento.pt/visita360/pt>



Figura 5. Estátua D. Afonso Henrique, Padrão dos Descobrimentos, Cottinelli Telmo e Leopoldo de Almeida, 1960. Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Padr%C3%A3o_dos_Descobrimentos_\(53826187645\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Padr%C3%A3o_dos_Descobrimentos_(53826187645).jpg)

Por outro lado, a quantidade e a especificidade, do projeto de *upcycling* através da escultura, requeria uma atitude de utilização máxima do material cedido para combater o lixo que seria causado pelo seu descarte. Neste sentido o cinzeiro como suporte para reescrever histórias passa a ser pensado no plural, algo que requer uma disposição específica. A figura da mandala acabou por ser a disposição escolhida (Fig. 2) uma vez que segundo a Stanford Encyclopedia of Philosophy (2022), a mandala representa um veículo para uma visão nova e mais esclarecida da realidade (neste caso da história do tabaco), do eu e do mundo e, portanto, de transformação.

4. Um vislumbre do Rhizoma do tabaco.

Numa procura por recuperar a história do tabaco através desta escultura, foram desenvolvidas várias composições com o objetivo de serem posteriormente pintadas nos cinzeiros.

Não ficando indiferentes quer às relações que existiram entre o colonialismo português e o tabaco, quer aos trabalhos artísticos do MAR (Museu da Assembleia da República), para a composição apresentada na (figura 3) foram considerados ramificações da geografia do Rhizoma em que o tabaco está inserido. Estas conectam historicamente o mural "Descobridor Vasco da Gama a ser recebido pelos emissários de Samorim" de Domingos Rebelo (Fig. 4) que se encontra no Salão Nobre da Assembleia da República Portuguesa, o papel de Portugal na produção de tabaco e no comércio de pessoas escravizadas que foram vendidas para trabalhar em plantações, sobrepostos pelos mitos que prevalecem na sociedade portuguesa em relação ao heroísmo do conquistador e grandiosidade do projeto colonial, que encontram no caso da escultura a sua representação mais óbvia, emblemática e monumental no Padrão dos Descobrimentos (Fig. 5).

Como nos conta Carl A. Hanson (1982, p. 153), numa fase inicial, muito do “cultivo, processamento, e venda de tabaco em Portugal estaria nas mãos de pequenos operadores”, as fazendas, sendo a sua produção unifamiliar, incluindo crianças. A partir de 1644, estas operações começaram a ser feitas com recurso a trabalho escravo, e levadas a cabo exclusivamente em Bahia, no Brasil, a partir de 1647. Segundo Hanson, os altos impostos sobre outros comerciantes de tabaco que não portugueses e uma mão mais pesada sob o comércio ilegal, assegurou para a indústria do tabaco português, um crescimento exponencial, a quantidade de tabaco enrolado passou de 1,100 unidades em 1666 para 11,033 unidades em 1668, e consequentemente, o estabelecimento do monopólio do tabaco em Portugal. Os lucros, segundo Goodman (2005, p. 440), não só viriam a ter nos séculos seguintes um papel central nas trocas comerciais com as colónias portuguesas na Ásia, como viria a ser o comércio escravagista entre a África Ocidental e o Brasil, o elemento crucial na construção da economia brasileira (Goodman, 2005, p. 441). Apesar disto, as políticas de protecionismo ao monopólio português acabaram por contribuir para a independência do Brasil em 1822 (Goodman, 2005, p. 89). Na mesma década, a mudança

iniciada pelo império inglês de abolir o comércio de pessoas escravizadas em 1807, terá contribuído para a proibição da escravatura no Brasil em 1888. Segundo Goodman, ainda assim, também para as pessoas que foram outrora escravizadas o tabaco se tornou na cultura mais rentável. A partir desta altura, com a crise económica mundial desencadeada pela proibição da escravatura, o cultivo de tabaco dependia de milhares de produções de pequena escala, que continuaram a abastecer o comércio europeu. Estas eram ainda dependentes das empresas geridas por portugueses e alemães que exportavam os seus produtos, mantendo a sua influência política e económica até às primeiras décadas do século XX. Como afirma Goodman (2005, p. 441), a importância do tabaco era tal para Portugal que, em certa medida, as finanças do país dependiam dos lucros do tabaco até ao final da monarquia em 1910 e pelo que a liberalização do monopólio estatal do tabaco terá mesmo desempenhado um papel decisivo no golpe militar de 1926 e na implantação da ditadura de Salazar. Segundo o autor, esta comodidade, era a fonte de rendimento mais importante no que tocava aos impostos representando quase 50% em 1900.



Figura 6. Desenho



Figura 7.1ª representação de tabaco conhecida, frasco Maya para nicotina, Livraria do Congresso. Fonte: <https://blogs.loc.gov/maps/2016/01/name-your-poison-glyphic-designs-on-maya-miniature-flasks-in-the-jay-i-kislak-collection/>

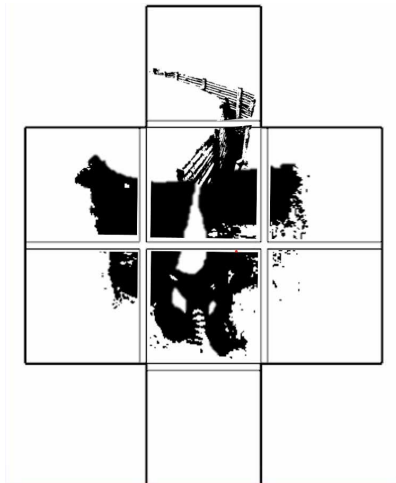


Figura 8. – Composição Fatalidades do Tabaco.



Figura 9. Trincheira da segunda guerra mundial. Fonte: <https://depositphotos.com/photos/trincheira-guerra-mundial.html?filter=all&qview=6907548>

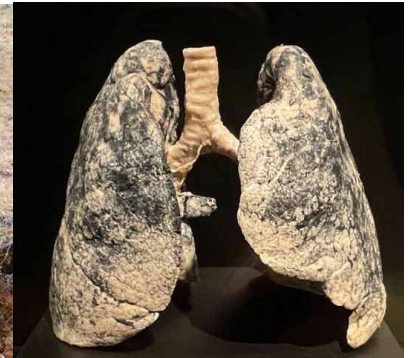


Figura 10. Pulmão de fumador.

No que toca à relação do colonizador com as populações locais, sabemos hoje que este nem sempre foi recebido de braços abertos. Na viagem de Vasco da Gama (representada no mural de Domingos Rebelo), podemos perceber a perseguição a muçulmanos, alguns anos depois da descoberta da rota marítima para a Índia pelos europeus, mandou queimar vivos homens, mulheres e crianças que seguiam numa nau que voltava de Meca (Lopes em Varela, 2021). A figura do Infante Dom Henrique assim como o mural de Domingos Rebelo são construções históricas tendo em conta a seletividade e o ideário do Estado Novo sobre que histórias seriam disseminadas na memória do povo e com a consciência de que o colonizador herói e o projeto colonial só são apresentados como grandes acontecimentos dignos de orgulho nacional, uma consequência dos esforços por estabelecer uma “política do espírito” pelo regime (Elias, 2004, p. 92). Face a uma falha de representação pluralista da história colonial por parte do estado português em obras de arte públicas, apesar das tentativas existentes, por exemplo de construir o *Memorial às Pessoas Escravizadas* de Kiluanji Kia Henda, vencedor do orçamento participativo de Lisboa em 2017. Foram inseridos no nosso projecto, a figura do Infante Dom Henrique (Fig. 5) em conjunto com os indígenas representados por Domingos Rebelo, mas estes últimos em vez de segurarem para-sóis passam a segurar lanças (Fig. 3).

Seguidamente, sentiu-se a necessário aprofundar o inquérito à história do tabaco. Para isto foi incluído no cinzeiro central um desenho baseado numa foto de uma cerâmica pintada com a primeira representação de tabaco (Fig. 6 e 7). Esta é aqui usada com as diferentes visões e utilizações do tabaco por parte dos europeus e das culturas indígenas. Segundo Goodman (2005, p. 441), os indígenas usavam a planta do tabaco para fins rituais e sociais. Os indígenas americanos, por exemplo, utilizavam-no a fim de honrar os seus convidados, para tratar os doentes, reforçar laços coletivos nas aldeias ou entre tribos para além de estimular as práticas xamânicas em rituais de cura ou adoração. Em contraste, a utilização do tabaco por parte dos europeus assentava principalmente em meios recreativos: fumar, beber, mastigar ou inalar e riqueza através da sua comercialização.

Noutra composição relativa à relação que se pode estabelecer entre a Morte e o tabaco (Figura 8) foram sobrepostos desenhos baseados numa imagem de uma trincheira da segunda guerra mundial e uma imagem de um pulmão de fumador mostrada numa exposição sobre o corpo humano (Figs. 9 e 10).

A primeira é aqui apropriada como símbolo da íntima relação entre a indústria do tabaco e a Segunda Grande Guerra.

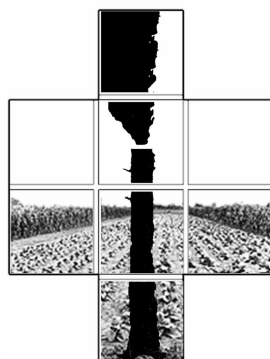


Fig. 11- Composição Impacto Ambiental do Tabaco.



Fig. 12 - Árvore.

Fonte: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/madeira-panorama-vista-paisagem-27428769/>



Fig. 13- Fabrica a libertar

poluição para a atmosfera. ONU: Concentrações de gases de efeito estufa atingiram novo recorde em 2023. Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2024/10/1839856>



Fig. 14- Plantação de tabaco, 1932.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tobacco_Plantation\(GN13051\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tobacco_Plantation(GN13051).jpg)

Segundo Goodman (2015, p. 49-50), a venda de tabaco a todas as pessoas era proibida em oito estados americanos antes da entrada dos Estados Unidos no confronto. Elevando a imagem do cigarro como símbolo da virilidade e desviadas as atenções de reformistas para os problemas da guerra, o congresso ordenou que fossem incluídos cigarros nas rações de combate dos soldados. Diversos discursos e propaganda foram disseminados para a infiltração do tabaco no dia a dia da guerra mundial. Dizia-se que este desviava a atenção dos soldados de piores vícios como o álcool e as mulheres e por isso vendiam tabaco determinados a tornar o mundo mais seguro para a democracia. Por outro lado, simbolicamente representado pelo desenho do pulmão de fumador notoriamente mais escurecido e deformado que um pulmão normal, procurou-se remeter para a mortalidade associada ao consumo de tabaco explícita nas informações de que enquanto morreram 60 milhões de pessoas nas duas guerras mundiais (Encyclopedia, 2018), morreram 100 milhões de pessoas durante todo o século XX devido ao tabaco (Jha, 2009). Quando as discussões sobre os efeitos nocivos do tabaco começaram a surgir, os estudos existentes da área da epidemiologia, atribuíam o rápido crescimento do número de casos de cancro do pulmão aos escapes dos carros, fábricas industriais, superfície de estradas pavimentadas e de trabalhos que estavam em contacto com gases (Doll e Hill, em Goodman, 2005, p. 200). Nos anos 50, os casos

vieram a ser ligados irrefutavelmente ao consumo de tabaco e demais complicações de saúde: ataques cardíacos, bronquite crónica, complicações na gravidez, até cataratas (Goodman, 2005, p. 200).

Na composição relativa aos Impactos Ambientais do tabaco que se pode ver abaixo (Fig. 11), foi criada uma disposição com desenhos baseados numa imagem cortada de uma árvore (Fig. 12) que procura sugerir os hectares de floresta que segundo a ONG Unfairtobacco (2022, p. 5) são todos os anos sacrificados em prol da plantação intensiva; uma imagem de uma fábrica a libertar poluição para a atmosfera (Fig. 13) remetendo para o facto de segundo a mesma organização (Unfairtobacco, 2022, p. 5) as emissões anuais da indústria de tabaco serem equivalentes a pequenos países como a Áustria e ainda uma imagem de uma plantação de tabaco datada de 1932 (Fig. 14) que está tanto na origem do sucesso do projeto colonial por todo o mundo, da devastação das florestas como da desertificação dos solos e nalguns casos, se não na sua maioria, associados historicamente a trabalho escravo e como iremos ver, atualmente a trabalho precário e infantil.

Segundo a WHO (2017), comparando com os impactos do tabaco na saúde, os impactos negativos nas cadeias de abastecimento desta indústria têm recebido menos atenção.

A mesma organização sublinha que a saúde não pode ser considerada em isolamento de outros fatores, entre os quais os ambientais. A cura das folhas através da queima foi-se tornando mais preocupante a nível ambiental depois da mecanização da manufatura de tabaco, altura na qual o tabaco se terá tornado na cultura, que não alimentar, mais produzida mundialmente (Geist, 2021, p. 2). No que toca à desflorestação, as preocupações começaram no estudo dos impactos da queima de madeira para a cura, tal como, na substituição de áreas florestais por áreas de cultivo, problemas em relação aos quais não foram tomadas medidas até à fundação do Quadro Internacional para o Controlo do Tabaco em 2003 (MEA em Geist, 2021, p. 2). O Grupo das Alternativas Economicamente Sustentáveis ao Crescimento de Tabaco defendeu em 2008 que a cultura do tabaco “pode ser até 10 vezes mais agressiva do que a soma de todos os outros fatores de desflorestação”, e que “a percentagem global de terras agrícolas utilizadas para a cultura do tabaco é inferior a 1%, [mas] o seu impacto na desflorestação global é de 2-4%, o que constitui uma pegada visível para as alterações climáticas” (WHO em Geist, 2021). O estudo ‘A Economia dos Ecossistemas e Biodiversidade’, concluiu que o setor do tabaco ameaça medianamente os níveis

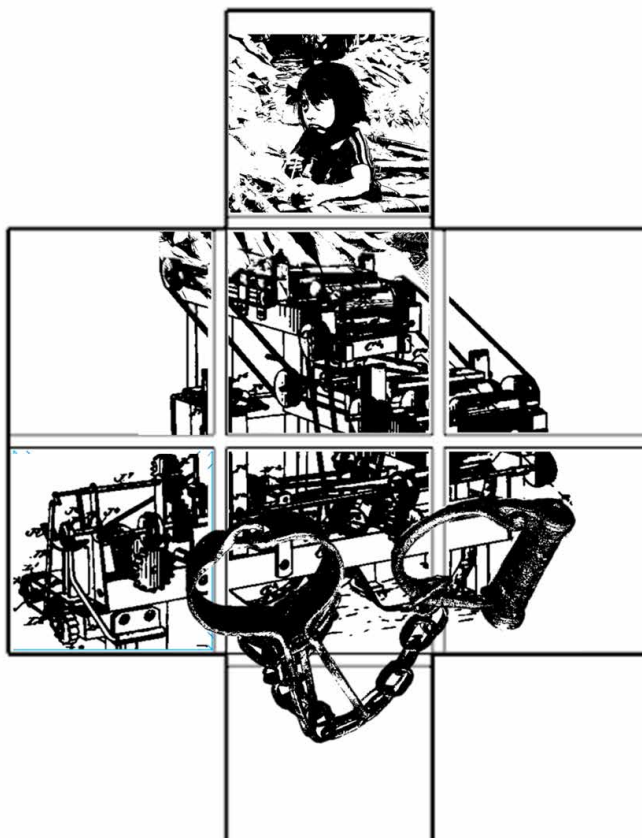


Fig. 15- Composição relacionada com o trabalho.



Fig. 16- Menina Indonésia a trabalhar na secagem de folhas de tabaco, 2015. Cortesia de Marcus Bleasdale

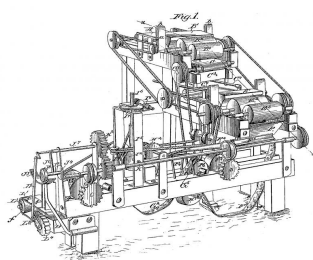


Fig. 17- Máquina de Bonsack. James Albert Bonsack (1859 – 1924). Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bonsack_machine.png



Fig. 18 – Corrente para pessoa escravizada, sec. 19, Porto Rico. Fonte: https://americanhistory.si.edu/collections/object/nmah_601251

de biodiversidade, que os impactos sociais fazem sombra aos impactos ambientais e que existe uma dependência moderada do corte de árvores (Bishop e Earthscan em Geist, 2021, p. 4). Apesar de se chegar a estas conclusões, como cita Geist, “a informação apresentada (...) raramente é suficiente para permitir às partes interessadas externas formar uma imagem exata dos esforços das empresas para avaliar, evitar, atenuar ou compensar os seus impactos”. Mais, segundo Geist (2021, p. 4), existem evidências de que as empresas dão apenas a aparência de cumprir as normas ambientais na aplicação de instrumentos de avaliação natural e a falsa ideia de pôr em prática campanhas ecológicas de responsabilidade social empresarial, dando assim à cultura do tabaco a imagem de uma atividade respeitadora do ambiente, enquanto prosseguem a sua atividade normal, precedendo por outras palavras ao greenwashing.

No conjunto relativo ao Trabalho (Fig. 15), o desenho apresentado resulta da transposição de uma imagem onde se pode ver uma menina a secar folhas de tabaco, (Fig. 16) procura remeter para a realidade de países como o Brasil, a Indonésia, o Bangladesh, o Zimbabué, o Malawi ou a Zâmbia, onde os trabalhadores dos campos de tabaco estão frequentemente associado à pobreza, frequentemente temos famílias inteiras a trabalharem sem justa remuneração, obrigando-as a recorrer a trabalho infantil (Unfairtobacco, 2022, p. 5). Seguidamente podemos encontrar um desenho baseado num plano da máquina de Bonsac (Fig. 17), que segundo Goodman (2005, p. 146) depois de patenteada em 1881, produzia 12.000 cigarros num dia, enquanto os enroladores mais experientes enrolavam 3.000. Na mesma composição podemos ainda encontrar um desenho baseado numa foto de uma corrente destinada a pessoas escravizadas, (Fig. 18) cuja utilização na composição, pretende simbolizar todas as pessoas escravizadas por Portugal e não só, a trabalharem em plantações de tabaco.

Segundo Goodman (2005, p. 298) nos anos 1500s e 1600s, pessoas escravizadas teriam começado a cultivar tabaco na América Latina e nas Caraíbas Britânicas e pelos anos 1700s, tornar-se-iam a forma predominante de trabalho nas américas. Como afirma Goodman (2005, p. 292), com a introdução de trabalho escravo nas colónias americanas, a escravatura tornou-se na maior fundação para o crescimento

e ‘prosperidade’ no ‘novo mundo’, que no caso do Brasil e Cuba chegou a representar pelo menos 1/3 da totalidade da população.

A colonização de Tesenacomoco, atual Virgínia, E.U.A., cujo longo processo de expansão começou em 1612, quatro anos depois da chegada dos ingleses viria a possibilitar a criação da sede da Companhia da Virgínia, o maior produtor de tabaco mundial do século XIX. Neste ano, segundo o site Virgínia Places (n.d.), John Rolfe chegou com uma espécie de tabaco que viabilizaria a colonização. Como é perceptível, a expansão dos terrenos colonizados nos primeiros anos foi feita através de documentos redigidos unilateralmente, tratados desrespeitados e enganosos ou terrenos usurpados através da violência contra os Powhatan até à captura e morte do seu chefe em 1646. Este processo era fundado em “direitos de descoberta” e “direitos de conquista”, ideias que possibilitaram o acesso gratuito às terras. Estas ideias, como aponta Blakemore (2023), só poderiam ser concebidas a partir da visão política e jurídica normativa de *terra nullius*, ou ‘terra vazia’, uma paisagem “selvagem” que para os Ingleses, segundo Patricia Seed (1995), estaria lá para ser domada e civilizada pelos colonos. Explicito no site Virgínia Places (n.d.) está que as terras para além de usurpadas eram devastadas para cultivar tabaco intensivamente até esgotar os nutrientes chave do solo, normalmente em apenas 2 a 3 anos. Assim se criaram as primeiras plantações inglesas. Estas, segundo a National Geographic Society (NGS a, 2023) eram campos agrícolas de monocultura onde trabalhavam pessoas escravizadas que eram sujeitas a trabalhos forçados. Vale a pena sublinhar que, como podemos ler noutra página (NGS b, 20023), enquanto a maioria dos escravos trabalhava nos campos, outros eram usados para ajudar os patrões a gerir as plantações e as casas como servos, com empregadas domésticas, cozinheiras e que muitos deles, acrescentando às longas horas de trabalho, passavam por episódios traumáticos. Famílias eram separadas, nomeadamente as crianças dos seus pais ou mulheres violadas (NGS b, 2023). Nestas condições desumanas os africanos revoltavam-se contra os seus patrões e desenvolviam a partir da sua própria cultura, entre as frechas do trabalho do seu dia a dia, modos de organização social e cultural de resistência. Nesta, fundiam a adoração cristã com alguns costumes das suas terras natais como contar histórias, consideradas por eles uma forma de arte, mas também como forma de



Fig. 19- Composição Disseminação do negócio do tabaco.



Fig. 20- Jean Nicot a oferecer folhas de tabaco à rainha Catarina de Medicis e ao Grão-Prior da Casa de Lorena em 1561. Fonte: <https://www.loc.gov/resource/cph.3c16155/>



Fig. 21-Púberdade Craven "A". Fonte: Goodman, 2015.

passar conhecimento, uma vez que não aprendiam a ler nem escrever. Para além destas, a música e a dança serviam como um veículo para "digerirem" e resistirem às condições das suas vidas (NGS b, 2023). Nos Estados Unidos da América foi apenas em 1838 que a escravatura foi abolida. Nesta altura, os donos das plantações de tabaco tiveram de desenvolver novas formas de organização o trabalho na produção. Como nos conta Goodman (2005, p. 294), nesta altura, emergiram, como no Brasil as culturas partilhadas, onde os trabalhadores eram pagos com parte das colheitas e os agricultores que arrendavam as terras a donos das terras, mas que contraíam grandes dívidas para com estes.

Depois da introdução da máquina de Bonsack, na Alemanha, França e Inglaterra usavam trabalho pago nas fábricas (Goodman, 2005, p. 295). Já em Cuba e nas Américas, como nos conta Goodman (2005, p. 295), as fábricas de charutos e cigarrilhas construídas pelos Estados Unidos recorriam a prisioneiros, soldados e trabalhadores domiciliários e nas outras fábricas eram utilizados escravos, servos chineses, órfãos e aprendizes. Com a chegada da mecanização estas fábricas aumentaram rapidamente a sua capacidade de produção e passaram a remunerar minimamente os seus trabalhadores. Durante o início do século XX, com as Grandes Guerras, a procura por tabaco cresceu e foi possível continuar a plantar tabaco através de pequenas explorações.

Com os avanços mecânicos e químicos depois dos anos 50, foram sendo introduzidos também trabalhadores migrantes que passavam a ter de trabalhar em campos tratados com pesticidas tóxicos. Desde o final da segunda Grande Guerra, o desenvolvimento ainda maior da mecanização foi substituindo os trabalhadores nas fábricas, ainda mal pagos e nos campos têm-se recorrido a trabalho precarizado, infantil e migrante (Goodman, 2005, p. 297).

Noutra composição relativa à Disseminação do tabaco pela economia ocidental (Fig. 19), foram combinados, um desenho baseado numa serigrafia que representava Jean Nicot a oferecer folhas de tabaco à rainha Catarina de Medicis e ao Grão-Prior da Casa de Lorena em 1561 (Fig. 20), acontecimento que terá sido fulcral para a sustentabilidade do negócio do tabaco. Entregues as folhas à rainha espalhou-se a mensagem de que Catarina consumia tabaco, começando, assim, uma moda na corte. À composição acrescentou-se uma imagem de uma publicidade da marca de cigarros Craven "A", onde podemos ver uma senhora a fumar acompanhada de um maço de tabaco e a frase "Craven "A" are always cool, fresh and kind to my thought." (Fig. 21).

Depois da introdução da máquina de Bonsack, os cigarros foram promovidos através de publicidade em massa. Mais tarde, como afirma Goodman (2005, p. 148), o cigarro, para

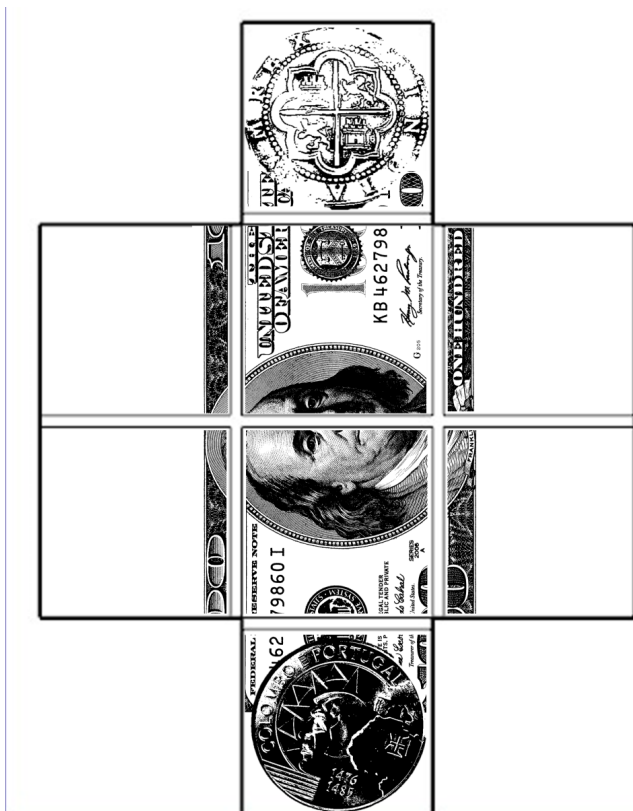


Fig. 22- Composição Dinheiro

se tornar realmente num produto de consumo em massa, teria de se libertar das “etiquetas” de género, principalmente porque as mulheres fumadoras eram apelidadas de promíscuas, prostitutas e bárbaras. Mais tarde, durante a luta dos direitos das mulheres à propriedade, ao voto ou ao acesso a profissões liberais, um dos símbolos usados nesta luta terá sido o consumo de cigarros, passando a apresentar o ato de fumar com imagem de mulher independente e contra os costumes.

Terá sido mais tarde, depois da segunda Grande Guerra (Goodman 2005, p. 15), que se começou a tornar mais aceitável o consumo de cigarros pelas mulheres, uma mudança rapidamente aproveitada pelas empresas de tabaco para disseminar publicidade que incentivava o consumo em massa de tabaco pelas mulheres, que permitiu finalmente os cigarros ultrapassarem outras formas de consumir tabaco.



Fig. 25- scudo comemorativo dos 200 anos da chegada de Cristóvão Colombo a América. Fonte: <https://www.olx.pt/d/anuncio/moeda-200-escudos-iii-srie-descobrimentos-descoberta-da-amrica-IDHUixK.html> |



Fig. 23- Moeda de Prata colonial espanhola 1572 -1734. Fonte: <https://www.newworldtreasures.com/cointypes.htm>



Fig. 24- Dólar americano. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Usdollar100front.jpg>

Na última composição (Fig. 22), foram incorporados desenhos baseados numa imagem de uma Moeda colonial espanhola datada da altura em que terá sido trazida a primeira amostra de tabaco para a europa (Fig. 23), uma nota de 100 dólares (Fig. 24) que não existiria se John Rufle não tivesse trazido a espécie de tabaco cuja produção viria a viabilizar economicamente a colonização da atual América do Norte pelos ingleses e ainda uma moeda portuguesa de 200 escudos comemorativa da chegada de Cristóvão Colombo à atual América (Fig. 25) momento em que terá visto a primeira pessoa a fumar tabaco. Mais que estas ligações entre o dinheiro e o tabaco, esta composição procura representar a curiosidade dos colonizadores pelo tabaco, não estar focada nas relações que os indígenas estabeleciam com esta planta, mas pelo seu potencial de transação comercial. Só através da promessa de enriquecimento os navegadores e exploradores eram aliciados a aventurassem-se além-mar. Por outro lado, a conquista dos consumidores explica que os principais usos



Fig. 26 - Inauguração da Escultura do Dia da Pneumonia de Diogo M. M. Nunes. Fotografia de Sandra Ribeiro, 2024. Assembleia da República, PT-AHP/GAR/R6130.

para o tabaco por parte dos europeus tenham sido na sua maioria, como já foi referido, recreativos e viciantes. Com afirma Goodman (2005, p. x), a tributação da produção do tabaco nas colónias foi rapidamente reconhecida como um negócio altamente lucrativo pelos governos colonizadores. Através de impostos, quer regulando o fabrico e as vendas através de monopólios, continua a ser usado no presente pós-colonial para justificar as violações de direitos da natureza da qual fazemos parte e consequentemente contribuindo para o capitaloceno.

5. Conclusões

Um projeto de escultura *upcycling* a partir de cinzeiros cerâmicos pode permitir repensar o objeto como um lugar

e assim contribuir para um inquérito sobre a sua memória, quando considerada a partir das relações que tece antes da sua vida útil terminar.

Os conceitos descritos promovem uma abordagem ao objeto do ponto de vista das relações referidas. Estes conceitos mostraram-se pertinentes, numa fase anterior ao processo de decisão da sua composição tridimensional, resultantes numa forma que se assemelha a uma mandala, a fim de sugerir uma procura por um entendimento mais esclarecido do mundo e albergar as composições pintadas sobre os cinzeiros.

Através destas composições, fantasmas-signos da memória histórica do tabaco foram expostos sobre seis conjuntos

de cinzeiros e uma peça central. Foi sublinhada a reação às histórias da propaganda da ditadura portuguesa ainda presentes no imaginário popular nacional após os 50 anos da queda do regime fascista, e deste modo, justificada a escolha do desenho a integrar a peça central. Sublinhamos também o cisma que se deu nas formas de relacionamento dos indígenas e dos colonos ocidentais com o tabaco. Seguidamente, foi explicitada a escolha dos desenhos de uma composição relativa à relação entre a morte e o tabaco através da sua ligação com a segunda grande guerra e complicações respiratórias associadas. Através de uma quarta composição sublinhou-se a recuperação da memória relativa aos impactos ambientais da indústria do tabaco. Descreveu-se ainda, por via das demais composições, a história relacionada com questões laborais associadas à extração e produção e finalmente relativa à centralidade do interesse comercial na relação estabelecida entre os colonos e a planta do tabaco em contraste com as utilizações sociais, medicinais e rituais estabelecidas pelos indígenas.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus orientadores de doutoramento, Professor Sérgio Vicente e Professora Helena Elias, pela orientação no desenvolvimento deste projeto e artigo. Gostaria também de agradecer à Faculdade de Belas Artes e à Assembleia da República pela oportunidade que me foi dada e ao fotógrafo Marcus Bleasdale por ter cedido uma das suas fotografias.

Referências

Augé, M., 2016. Não Lugares. Letra Livre, Lisboa, Portugal.
 Blakemore, E. (6, 10, 2023). What is colonialism? The subjugation of indigenous people—and the exploitation of their land and resources—has a long and brutal history. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/culture/article/colonialism>.
 Elias, H. 2004. A emergência de um espaço de representação: Arte pública e transformações urbanas na zona ribeirinha de belém, on the w@terfront. Public Art.Urban Design.Civic Participation.Urban Regeneration, 6 (September):43-134. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/waterfront/article/view/18951>.
 Encyclopedia. (06/08/2018). World War I. Consequences. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/>

[history/modern-europe/wars-and-battles/world-war-i/#CONSEQUENCES](https://www.encyclopedia.com/history/modern-europe/wars-and-battles/world-war-i/#CONSEQUENCES).

Geist, H. J. 2021. Tobacco and Deforestation Revisited. How to Move towards a Global Land-Use Transition? Sustainability, 13 (16), 9242. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/16/9242>.

Goodman, J. (Ed.), 2005. Tobacco in History and Culture: An Encyclopedia. Charles Scribner & Sons, Michigan, E.U.A.

Guattari, F. e Deluze, G., 1987. A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia. University of Minesota Press, Minnesota, E.U.A.

Hanson, C. A. 1982. Monopoly and Contraband in the Portuguese Tobacco Trade, 1624-1702. Luso-Brazilian Review 19, 2 (Winter, 1982), 148-168.

Jha, P. (2009). Avoidable global cancer deaths and total deaths from smoking. Nat Rev Cancer (9), 655–664. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nrc2703#citeas>.

National Geographic Society (NGSb). (19, 10, 2023). Africans in Colonial America. Disponível em: <https://education.nationalgeographic.org/resource/africans-colonial-america>.

Seed, P. (1995). Ceremonies of possession in Europe's conquest of the New World, 1492-1640. Estados Unidos da Ameri National Geographic Society (NGSa). (19, 10, 2023). The Plantation System. Disponível em: <https://education.nationalgeographic.org/resource/plantation-system/>.

Stanford Encyclopedia of Philosophy., 2022. The Mandalic Cosmos/Cosmos as Mandala. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/kukai/#ManCosMan>.

Unfairtobacco. (Dezembro, 2022). Tobacco. Disponível em: <https://unfairtobacco.org/en/material/factsheet-cigarettes-supply-chains-environment-human-rights/#/>.

Varela, P. 2021. Vasco da Gama: o massacre dos peregrinos e outras atrocidades. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1498-vasco-da-gama-chegava-a-calecute/a-319550>

Virgínia Places. (n.d.). How Colonists Acquired Title to Land in Virginia. Disponível em: <http://www.virginiaplaces.org/settleland/headright.html>.

WHO., 2017. Tobacco and Its Environmental Impact: An Overview. Available in: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/255574/9789241512497-eng.pdf?sequence=1>.

Wolfe, B., 2020. (December 07). Colonial Virginia. In Encyclopedia Virginia. Disponível em: <https://encyclopedia.virginia.org/entries/colonial-virginia>.

